Suicida

Camilo Castelo Branco

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Suicida

Camilo Castelo Branco

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

SUICIDA

PORTO
Typographia de A. J. da Silva Teixeira
Cancella Velha, 63
1880

Camillo Castello Branco

SUICIDA

Cada suicida é um poema sublime de melancolia.

Balzac.

Livraria Internacional
de
Ernesto Chardron, Editor
PORTO E BRAGA
1880

ELISA LOEVE-WEIMAR

A senhora, que teve este nome, suicidou-se com um tiro, no Porto, no dia 30 do mez passado[1].

D'entre os meus escriptos de ha doze annos reproduzo um que a toda gente, com certeza, esqueceu, tirante o coração d'aquella que hoje é

morta.

Dizia assim:

A Formosa das Violetas

Julio Janin, no folhetim do _Jornal dos Debates_ de 30 de março do corrente anno (1863), escreveu o seguinte: «No anno da graça de 1836, o mez de abril correu aprazivel e delicioso; e no mez de maio resoaram canções que farte. Ora, a ponto de expirar o mavioso abril e repontar o maio (apenas são volvidos vinte e sete annos e tres revoluções!) as turbas afanadas e curiosas acotovelavam-se no vestibulo do theatro da _Porte-Saint-Martim_. O já então popular e glorificado author de HENRIQUE III, de ANTONY, de RICARDO DE ARLINGTON, da TORRE DE NESLE e de ANGELO, n'aquella noite, puzera em scena um mysterio em que figuravam anjos e demonios. Agrupados á porta do theatro, muitos rapazes d'aquelle tempo cediam o passo á multidão azafamada, divertiam-se a vêl-a enthusiasmada, e notavam os homens conhecidos, os homens celebres, uns no começo, outros no termo da sua carreira. Eis senão quando todos os olhos convergiram sobre um soberbissimo trem, uma berlinda de Erhler, ajaezada á Brune, e tirada por uma parelha de enormes urcos inglezes, sahidos das cavallariças de _madame la Dauphine_. Um espadaúdo cocheiro, e um alentado hungaro de sete palmos de altura, afóra o pennacho, todo broslado de galões de ouro, completavam a equipagem que parou de súbito á porta do theatro. E, aberta logo pelo _keiduque_ a portinhola, cahidos estrondosamente os degraus da berlinda, vimos apear um elegante moço.

«Não tinha ainda trinta annos; vestia com requintado esmero; gravata branca e luvas amarellas; estatura corpulenta e formosamente

conformada; cabelleira clamistrada; bocca um tanto grande, mas graciosa; olhar ardente, e altiva compostura no aspecto. No braço do mancebo apoiava-se a leve mão de uma senhora, juvenil como elle, anciosa de volitar por sobre o espaço intermedio. Que linda ella estava com o seu vestido de primavera! Violetas na mão, violetas como adorno no chapéo de palha, ondulante faxa a tira-collo, calçada com extremada perfeição de botinas gaspeadas de cinzento e escarlate. Formosa e esbelta a mais não ser! A impaciencia tirava por ella; e o irmão caminhava a passo mesurado, com aquelles ares de homem que em si escuta a fada benigna da suprema fortuna. Exornavam o peito do cavalheiro as mais variegadas côres da pedraria dos ornatos e condecorações. Era barão em França, marquez em Hespanha[2], e socio do club dos fidalgos florentinos. Contava-se--e era verdade--que o somenos utensilio dos seus aposentos era de ouro: o seu lavatorio era de ouro armoreado, e dourada a sua camara. E, todavia, creiam-me, se quizerem: a sensação que nos causou foi a da admiração sympathica; inveja, não. N'esta França, attenta e alheada nos apparecimentos de cada dia, taes como, de manhã, AS ORIENTAES, depois A CARNAGEM DE MISSOLONGHI de Eugenio de Lacroix; ao meio dia, os discursos de Thiers; á noite, a opera de Meyerbeer; no dia seguinte, um romance de Balzac, uma canção de Alfredo de Musset,--entre nós, aquelle mancebo tinha, de pouco, revelado Hoffmann e os seus contos. Escrevia elle rapido, pouco e bem. Sabia inglez como um diplomata, e allemão como um philosopho. Pertencia n'aquelle tempo á nascente redacção do _Jornal dos Debates_, e chamava-se LOEVE-WEIMAR».

Até aqui Julio Janin.

* * * * *

Nos arrabaldes de Londres, em uma quinta de delicias, quantas póde imitar da natureza a arte britannica, vivia, n'aquelle tempo, um portuguez que a intolerancia politica expatriára em 1828. A fortuna commercial dava-lhe desvelados amigos para o espirito, optimos convivas para a mesa e gentis mulheres para o coração. O nosso patricio, encarreirado prosperamente no trafico mercantil, assentou que lhe era dever acudir aos desterrados pobres; e assim, quantos portuguezes se soccorriam de sua valia encontraram franco e inexhaurivel aquelle coração de ouro, e o ouro das suas gavetas. Os convivas habituaes da sua mesa eram um jurisconsulto dos mais celebrados em Londres, e um portuguez de excellentes qualidades, nosso ministro actualmente na côrte de Madrid[3].

Um dia, porém, os contubernaes sahiram do encantador abrigo do emigrado, porque eram de mais em alegrias, cuja dôce poesia está no resguardo e recolhimento de dous. O portuguez fôra o preferido d'aquella «formosa das violetas» que Julio Janin relembra no seu folhetim. M.^elle Elisa Loeve-Weimar, a irmã do nacionalisador de Hoffmann em França, do barão, do marquez, do fidalgo florentino, casára com o nosso patricio, que era então um rapaz alegre como a felicidade, descuidado do futuro como criança a brincar entre flôres, todo expansibilidade em olhos e palavras do muito bem querer que lhe exuberava do coração.

Coração e nome são ainda os mesmos n'aquelle homem, vinte e sete annos depois. Porém, ha de reconhecer-se hoje o festejado e amado noivo da irmã de Loeve-Weimar n'aquelles cabellos brancos e fronte avincada do jornalista portuense? Aqui vol-o apresento agora:

estendei a mão áquella mão liberal que muitos infelizes beijaram. Abraçai José Joaquim Gonçalves Basto, e sentireis pulsar o melhor e mais infeliz dos corações!

* * * * *

Infeliz!... Com tão prospera monção ao entrar em bonançoso mar? Amado por aquella peregrina dama, cujo espirito cultivado em Paris e Londres competia com a distincção da belleza?

Infeliz, sim, e porque não? A desgraça, quando colhe de sobresalto os seus predilectos, quebra os elos da corrente que parecia forjada por esforço de virtudes domesticas para os duradouros contentamentos do amor. Compraz-se ella em abater e rasourar ao nivel das baixas condições os mais altos espiritos.

Gonçalves Basto, decorridos dous annos de esposo e pai, foi vencido na lucta com imprevistas calamidades commerciaes. Empobreceu. Sahiu de Inglaterra, e repatriou-se com a sua familia. De repente, e o mais logicamente que o puderam fazer, os amigos desampararam-o, desobrigando-se da divida, esquecendo o credor. Permaneceu, com tudo, leal no infortunio um que se mantivera desprendido na prosperidade: era José Vieira de Carvalho, moço portuense abastado, instruido e bom. Deliberára Vieira fundar um jornal de parceria com Antonio Bernardo Ferreira, e com o actual deputado e integerrimo caracter, o snr. Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães[4]. Fundaram a _Coalisão_, cuja redacção e responsabilidade aceitou Gonçalves Basto. Os proprietarios, porém, a pouco e pouco se desligaram de compromissos, declinando sobre o redactor o encargo de sustentar intellectual e materialmente o jornal. Gonçalves Basto, extincta a _Coalisão_, fundou o _Nacional_, faz hoje dezoito annos.

Entretanto, José Vieira, rico e celibatario, antevendo o proximo termo da vida, annuncia que a sorte dos filhos de Gonçalves Basto está segura nos seus haveres. Morre em Paris, e o testamento é roubado em beneficio de parentes remotos.

Na contra-revolução de 1846, Gonçalves Basto, ao serviço da Junta do Porto, foi nomeado commandante d'um batalhão de artistas. Reprime a indisciplina, e dá no campo o exemplo da coragem um tanto insubordinada, porque espingardeava os hespanhoes que transpunham as fronteiras do norte, quando a Junta lhe ordenára que respeitasse a intervenção. E, n'este entretanto, a familia do jornalista, esposa e tres filhos, bellissimas e adoraveis crianças, viviam da gratificação mensal do commandante: _Dez mil reis_.....

* * * * *

José Joaquim Gonçalves Basto envelheceu cortado de lancinantes dôres; porém, duas vezes tão sómente lhe vi o rosto lavado de lagrimas: foi ao resvalarem-lhe dos braços á sepultura dous filhos. A pobreza cerra-o de perto ha quinze annos; e elle como que tem minas de diamantes na mais risonha philosophia que ainda vi! É sempre com um sorriso que vos elle diz: «Não tenho nada». A desgraça tem d'estes sorrisos que são, a dentro do peito, unhas de ferro.

E ella, a «formosa das violetas,» de 1836, a irmã do barão em França, do fidalgo em Florença e do marquez em Hespanha? Elisa Loeve-Weimar vai, algumas vezes, ao cemiterio da Foz, onde vicejam umas flôres plantadas por sua mão sobre a sepultura de um dos seus filhos. Alli, de certo lhe esquecem as pompas e as vaidades de sua brilhante mocidade. Aquelle cômoro de terra separa esta mãi

das gloriosas presumpçoes da irmã do fastuoso litterato, da formosa que o principe dos folhetinistas francezes recordava vinte e sete annos depois com as calorosas expressões d'uma saudade que parece o reflexo do amor. Que tem que vêr no cemiterio da Foz aquella Nióbe com a sua belleza preconisada em Paris? Ai! formosura! flôr d'um dia, queimada pelo gear de uma noite! E tu, talento! flamma esplendente que mais nos cerras a escuridão, quando nos não alumias a vereda por onde o infortunio nos assalta! Ó santa de todas as dôres de mulher que é mãi! quem saberá contar as cruzes do teu calvario? quaes almas, sequer, se inquietam, pensando o que foste, o que és, e que paragem final te assignalou o destino!

* * * * *

Meu caro Basto, releva ao teu amigo de dezeseis annos o vir elle dizer dos teus infortunios em face d'uma gente que os ha de lêr por ser isto em folhetim e ageitado á guisa de romance. Quando entrei n'esta vida dolorosa das letras, achei-me comtigo. Encontrei-te n'este tormento de Sisypho e ahi te vejo ainda agora a rolar o penedo. Se ás vezes paras um instante na ladeira, é para contemplares como a estupidez e a infamia trazem avassallados os fiscaes da republica, e como elles galgam arreiados de placas e fitas, em quanto tu vaes descendo á margem do rio da morte, olhando em ti, e antevendo próximo o dia em que não terás um pão para repartir com tua familia. Ha trinta annos que esperas e trabalhas por affecto á patria e por forçada violencia de operario d'esta galé. Deves ter desmaios de angustia quando em ti reparas e não vês homem que possa dizer-te: «Soffri e lidei tanto como tu, e recebi dos governos do meu paiz a retribuição de igual desprezo». Lucta, meu amigo; e, quando mais não puderes, vinga-te morrendo como o soldado do padre Vieira, e vai

saber nos segredos da divina Providencia que mal devias fazer à patria e aos teus concidadãos para que elles te beneficiassem».

* * * * *

Algum tempo depois, José Joaquim Gonçalves Basto, quando o circulo de ferro da penuria se apertava, encontrou a mão poderosa de um ministro que lh'o partiu. A salvadora chamava-se a _Justiça_, e o ministro era o snr. Fontes Pereira de Mello.

* * * * *

Ora, como em 30 de setembro d'este anno se suicidasse, no Porto, com um tiro, a minha «formosa das violetas», pareceu-me apropositada a ampliação e complemento do meu folhetim de 1863.

Elisa Weimar nasceu em Paris em 1805. O barão Nemi Loeve-Weimar, seu pai, era allemão, oriundo de israelitas. Exercera funcções importantes na côrte de Luiz XVIII. Em 1814, quando o exercito prussiano infestou o territorio francez, a familia Loeve-Weimar retirou para Hamburgo. O futuro nacionalisador de Hoffmann seguiu alguns annos a carreira commercial; depois, apostatou do judaismo, converteu-se á fé catholica, e regressou a Paris, ao mesmo tempo que M.^elle Elisa foi completar em Londres a sua educação litteraria.

Conhecedor dos idiomas e litteraturas do norte, o moço escriptor alistou-se vantajosamente de par com os litteratos de mais voga. Entrou seguidamente na redacção do _Album_, da _Revue encyclopedique_ e do _Figaro_. Muitos livros allemães desconhecidos em França trasladou-os elle com estylo seductor; e da litteratura d'além-Rheno publicou em 1826 um compendio. Traduziu

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com